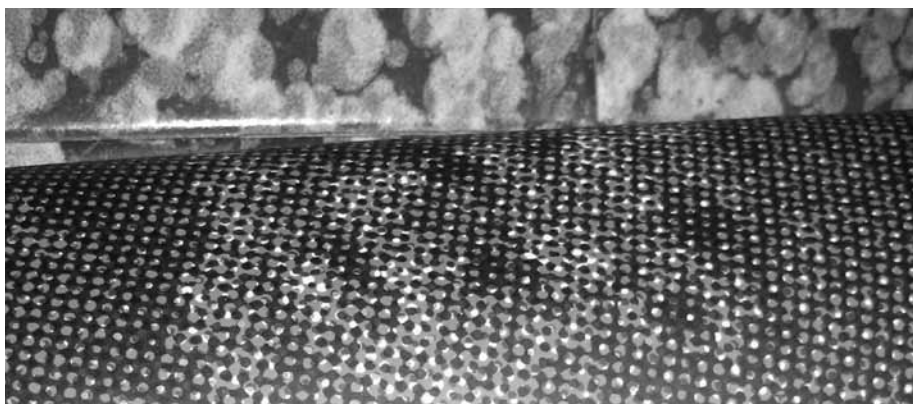




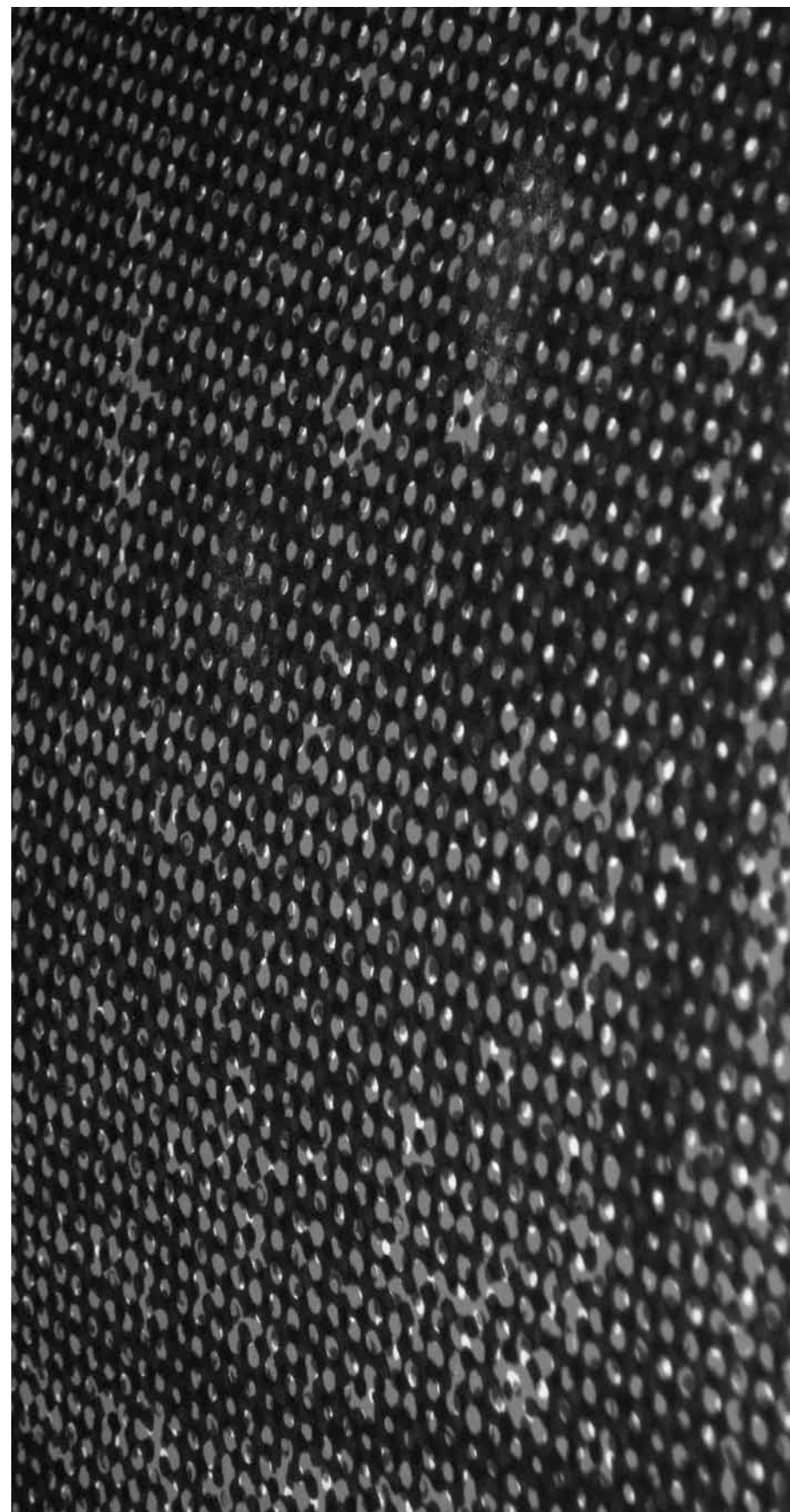
A FABREFACTUM
EDITORIA SURTIU
COM O PROPÓSITO
DE PUBLICAR
OBRAS QUE
POSSAM AMPLIAR
E ELEVAR O
DEBATE SOCIAL EM
TORNO DA CIÊNCIA,
DA TECNOLOGIA E
DO TRABALHO.

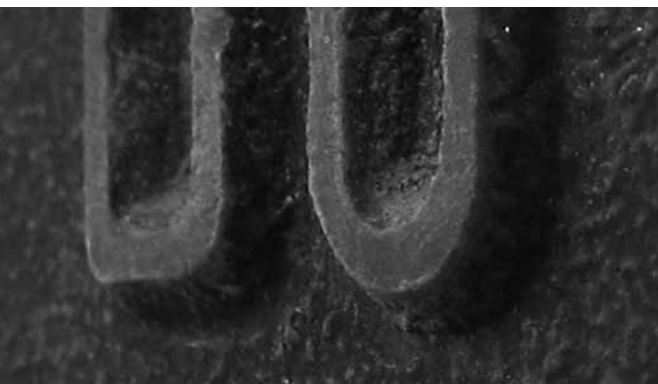
As obras da **FABREFACTUM** interessam a especialistas, estudiosos e pesquisadores acadêmicos de diversas áreas, assim como a profissionais que lidam com gestão do conhecimento e com os problemas do trabalho e da automação nas organizações. Interessam também a um público mais amplo, ao discutir a participação popular em questões de ciência e tecnologia nos momentos de controvérsia. Suas obras têm sido adotadas nas universidades e no ensino médio com o intuito de discutir como ocorre a construção do conhecimento científico e tecnológico, nas bancadas e linhas de produção, e suas implicações sociais, organizacionais e políticas.

As obras publicadas pela **FABREFACTUM** reconhecem a contribuição positiva da ciência e da tecnologia, sem se eximirem da crítica à forma como são atualmente produzidas e utilizadas na sociedade e nos espaços de trabalho. Selecionando obras de diversas abordagens e tradições teóricas, que se complementam ao evidenciar as práticas de produção e reprodução da ciência e da tecnologia, a **FABREFACTUM** busca contribuir para a superação das barreiras que impedem o desenvolvimento da sociabilidade humana.

A FIM DE FUNDAMENTAR, DE FORMA
MAIS CONSISTENTE, O DEBATE
ACADÊMICO E SOCIAL EM SENTIDO
AMPLO, A **FABREFACTUM** OPTOU POR
LANÇAR LIVROS AGRUPADOS EM
COLEÇÕES TEMÁTICAS, INICIALMENTE
ORGANIZADAS EM DUAS SÉRIES
“CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE”
E “TRABALHO E SOCIEDADE”.

Outras séries, dentro da mesma linha editorial, virão. Ao lado da seleção de títulos coerentes com esse objetivo, dá-se especial atenção às traduções e revisões técnicas, sempre feitas por especialistas no tema do livro e no autor, eliminando distorções que poderiam dificultar a apreensão dos conteúdos.





SÉRIE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE

É senso comum dizer que vivemos numa sociedade do conhecimento, que nos legou um mundo artificial, quase inteiramente produzido pela tecnologia. Todavia, ainda é pouco conhecido, difundido e discutido *como* a ciência e a tecnologia são, elas mesmas, produzidas. O desconhecimento sobre como o conhecimento se faz contribui para sustentar as imagens míticas e religiosas da ciência e da tecnologia e para mantê-las afastadas de qualquer controle social.

Os livros da **Série Ciência, Tecnologia e Sociedade** nos revelam a ciência e a tecnologia se fazendo, antes que o conhecimento se solidifique em “fatos objetivos”. Abrindo as portas dos laboratórios, trazem à luz a peleja cotidiana dos cientistas e engenheiros, que se mostram verdadeiros artesãos do conhecimento, elaborando, com arte, intuição e experiência, os experimentos que “provam” suas teorias, cujos resultados, devidamente depurados, serão posteriormente publicados nos artigos das revistas científicas ou incorporados nas tecnologias.

Desde jovens, nós nos acostumamos à ideia de que a ciência exige espírito crítico e debate aberto entre teorias rivais, sem interferências de outras instâncias sociais como o poder político, a religião ou interesses econômicos. Quanto mais isenta de influências externas, mais verdadeira se tornaria a ciência. Quando, porém, acompanhamos de perto os debates científicos, no momento em que aconteceram, percebemos que as controvérsias entre teorias rivais não se resolvem segundo critérios científicos. O poder não é condição externa à ciência, mas sim instância interna às suas práticas mais caras: o acesso a recursos via projetos, a revisão de artigos pelos pares, os debates acadêmicos e, finalmente, a decisão do que vale a pena ou não ser pesquisado. Desvela-nos, assim, o mundo real da prática científica, não para desacreditar a ciência como fato, mas para mostrar como *de fato* ela se faz: da mesma forma que qualquer outro fenômeno humano, a ciência e a tecnologia são fatos e artefatos socialmente produzidos.

Tomar o fazer da ciência como passagem obrigatória para se analisar o conhecimento resultante, além de evidenciar as controvérsias que o movimentam, permite abordar questões que esclarecem melhor outros fenômenos em torno da ciência: Como se produz um acordo? Como o conhecimento se transmite e como se modifica? Que relações (semelhanças e diferenças) existem entre o saber do senso comum e o conhecimento científico? O que distingue o conhecimento formalizado e incorporado na tecnologia e o saber social compartilhado entre os humanos? Como seres humanos e máquinas interagem? Como, na prática, se repartem as tarefas entre humanos e máquinas? Que funções podemos delegar à tecnologia sem nos submetermos a ela?

Os estudos sobre Ciência, Tecnologia e Sociedade (no Brasil, reunidos sob a sigla CTS) compreendem uma ampla gama de autores e posições teóricas. Os livros publicados pela **FABREFACTUM** assumem uma posição específica: a crítica à ciência canônica e ao determinismo tecnológico sem negar o valor da ciência e da tecnologia. É possível, assim, recolocar, em outras bases, mais delicadas mas também mais realistas, a questão da participação popular em ciência e tecnologia. A expertise, desenvolvida pela experiência na lida com o problema em discussão e não simplesmente legitimada por credenciais acadêmicas, torna-se critério determinante para definir como as questões de ciência e tecnologia que nos afetam serão enquadradas e discutidas.



**GÊNESE E DESENVOLVIMENTO DE
UM FATO CIENTÍFICO**

Ludwik Fleck

Tradução: Georg Otte e Mariana Camilo Penido

ISBN: 978-85-63299-06-2
Número de páginas: 205
Formato: 23 x 16 cm
Encadernação: Brochura

A ciência não progride colocando pedra sobre pedra. Suas mudanças ocorrem principalmente devido às transformações dos *estilos de pensamento*, que são resultado de um crescimento histórico e socialmente condicionado, formando um tecido entrelaçado pelo contato de seus representantes. A partir desse dinamismo, a ciência evolui e é capaz de descobrir e de enfrentar novos problemas. Diferentemente de Thomas S. Kuhn, com o seu conceito de paradigmas científicos, Ludwik Fleck não vê essas mudanças como revoluções abruptas. As condições de um *coletivo de pensamento* se transformam de forma imperceptível para os cientistas envolvidos, sem que eles tenham imediatamente consciência disso.



**O GOLEM - O que você deveria saber
sobre ciência**

Harry Collins e Trevor Pinch

Tradução: Laura Cardellini Barbosa de Oliveira

ISBN: 978-85-63299-00-0
Número de páginas: 257
Formato: 23 x 16 cm
Encadernação: Brochura

O foco de O GOLEM é a ciência controversial, não a ciência como aparece nos livros didáticos. Para entendê-la, os leitores e leitoras vão ser levados(as) a conhecer detalhes de alguns casos científicos. Isso exige um certo esforço, mas o retorno é gratificante. A maneira de ver o mundo científico e participar dele se modifica por completo. Os casos aqui descritos aproximam a ciência dos cidadãos comuns, não por tornar a ciência mais acessível tecnicamente, mas por possibilitar o entendimento de como ela *funciona*. A aura de magia da ciência se esvai, e percebe-se que a contribuição dos cientistas advém de uma *prática*, que não tem todas as respostas e nem sempre fornece as respostas certas.

A primeira edição de O GOLEM, muito bem acolhida pelo público, gerou vários debates e está refletida numa segunda edição em um Posfácio inédito, que procura situar a obra naquilo que se tornou conhecido como “a guerra das ciências” — uma reação de representantes da área de ciências naturais ao tipo de análise feita pelos autores, pertencentes às ciências sociais.



O GOLEM À SOLTA - O que você deveria saber sobre tecnologia

Harry Collins e Trevor Pinch

Tradução: Giacomo Patrocínio Figueredo

ISBN: 978-85-63299-01-7
Número de páginas: 231
Formato: 23 x 16 cm
Encadernação: Brochura

Como saber até onde o míssil antibalístico Patriot foi eficaz na guerra do Golfo? Quem é culpado pela queda da Challenger? Qual a diferença entre experimentos e demonstrações públicas ou o que é feito em laboratórios didáticos? A tecnologia nos dá certeza quanto ao funcionamento de dispositivos de segurança em sistemas de alto risco? A modelagem matemática permite realizar previsões econômicas? Qual a extensão da contribuição da expertise leiga e do público na solução de casos controversos de tecnologia?

O que O GOLEM tecnológico nos mostra é que os “critérios de sucesso” a adotar, para avaliar uma tecnologia, a decisão do que é um risco aceitável, o que pode ser considerado como causa, ou não, de um problema e até mesmo o que deve ser considerado um “problema” são parâmetros estabelecidos pelas próprias práticas tecnológicas e pelos diferentes grupos envolvidos. Assim sendo, são parâmetros passíveis de erro – explicado apenas *a posteriori*.



DOUTOR GOLEM - Como pensar a medicina

Harry Collins e Trevor Pinch

Tradução: Carlos Gohn (Coordenador)

ISBN: 978-85-63299-02-4
Número de páginas: 255
Formato: 23 x 16 cm
Encadernação: Brochura

DOUTOR GOLEM fala do conflito entre duas medicinas: a “medicina como ciência”, praticada a longo prazo e com foco na coletividade, e a “medicina como socorro”, de curto prazo, com foco no indivíduo e nem sempre atrelada à medicina tradicional. A incerteza inerente à ciência da medicina também é tratada com maestria, mostrando como o seu padrão de ouro – os testes duplos-cegos – são também uma demonstração de quanto a medicina não compreende o ser humano como um todo, pois sempre deixa inexplicado como funciona o efeito placebo. A questão de qual medicina deve ser adotada pelo poder público é então colocada, sendo os autores a favor de se investir na medicina como ciência, mesmo que ela não traga as certezas que gostaríamos de ter a respeito de nossos corpos e mentes.



MUDANDO A ORDEM - Replicação e indução na prática científica

Harry Collins

Tradução: Sandra Cristina Becker

ISBN: 978-85-63299-05-5
Formato: 23 x 16 cm
Encadernação: Brochura

“Este livro mostra como navios entram em garrafas e como eles saem delas de novo. Os navios são porções de conhecimento, e as garrafas são a verdade. O conhecimento é como um navio porque, uma vez na garrafa da verdade, parece que sempre esteve ali e parece que nunca mais vai sair de novo... Nosso mundo é cheio de navios já alojados dentro de suas garrafas, e somente poucas pessoas conseguem vislumbrar a arte do construtor de navios dentro de garrafas.”

Sem dúvida um dos melhores dos livros de Harry Collins, MUDANDO A ORDEM mostra como o conhecimento científico é acordado, transmitido e modificado ao longo do tempo. Assim, o valor da réplica experimental para solucionar controvérsias científicas — onde o que é certo ou errado ainda não está definido — é questionado e o conceito de “regressão dos experimentadores” é introduzido. Essa insuficiência do método científico para dar conta de controvérsias científicas abre, então, o caminho para a análise da construção social do conhecimento científico e, portanto, de qualquer tipo de conhecimento.



REPENSANDO A EXPERTISE

Harry Collins e Rob Evans

Tradução: Igor Antônio Lourenço da Silva

ISBN: 978-85-63299-04-8
Número de páginas: 241
Formato: 23 x 16 cm
Encadernação: Brochura

As obras acadêmicas têm fama de serem teorias afastadas do cotidiano. Contrariando essa opinião, Repensando a Expertise faz eco a fatos e situações que crescentemente fazem parte do nosso dia a dia: como podemos e devemos nos posicionar perante controvérsias científicas e tecnológicas que afetam nossas vidas e valores?

A ação humana é realmente a responsável pelo aquecimento global? A maconha deveria ou não ser descriminalizada? O aborto é uma questão de saúde pública ou uma opção religiosa? Deveria ser permitido que o *Google Maps* e o *Google Street View* difundissem, em escala mundial, imagens do nosso cotidiano (para não falar da controvérsia dos *emails* e senhas coletados “sem intenção”)? As sementes geneticamente modificadas produzem alimentos nocivos?

Essas questões cotidianas nos introduzem diretamente no âmago do livro. Ele é, por um lado, um ataque àqueles que acreditam que a Sociologia do Conhecimento Científico e Tecnológico (SCCT), em particular, e os estudos de Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS), em geral, representam um nivelamento epistemológico. Por outro lado, é um alento para aqueles que vem o valor de tais estudos, mas que têm receio de que eles sejam utilizados de maneira deturpada, servindo de pretexto para se defender que qualquer opinião pode ser ciência.



A FORMA DAS AÇÕES - O que humanos e máquinas podem fazer

Harry Collins e Martin Kusch

Tradução: Cleusa Vieira Aguiar Brooke

ISBN: 978-85-63299-03-1
Número de páginas: 263
Formato: 23 x 16 cm
Encadernação: Brochura

O que os humanos podem fazer? O que as máquinas podem fazer? Como os humanos delegam ações às máquinas? Como os humanos cooperam entre si e quais tipos de organizações sociais existem? Como os humanos exploram outras culturas humanas? Essas indagações podem ser respondidas por uma nova teoria: a teoria da forma das ações ou morficidade da ação.

O livro A FORMA DAS AÇÕES traz uma importante contribuição para a compreensão e análise da ação humana, oferecendo referências conceituais que permitem recolocar, de forma inovadora, questões antigas, como a crítica ao taylorismo e às organizações burocráticas, e reabrir debates que pareciam estar fechados, tais como a diferenciação entre ação humana e comportamento animal e as potencialidades e limites da inteligência artificial e da automação em contraposição à ação humana.



ESPECIALISTAS ARTIFICIAIS - Conhecimento social e máquinas inteligentes

Harry Collins

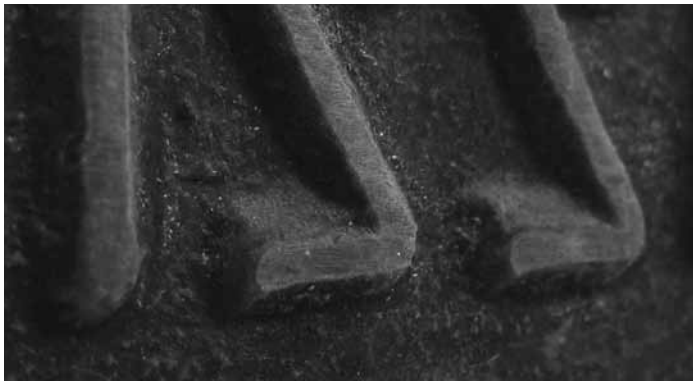
Tradução: Marie-Anne H.J. Kremer

LANÇAMENTO EM 2011

A questão da inteligência artificial se esgotou quando o debate sobre a diferença entre homens e máquinas se resolveu pela indiferença: a tecnologia dos sistemas especialistas parece evoluir sem consideração por questões fundamentais sobre a natureza das regras inseridas nas máquinas e do saber desenvolvido pelos humanos. A concepção cognitivista da inteligência artificial se acomoda nesse pragmatismo, isolando o conhecimento das relações sociais que o produzem. Em ESPECIALISTAS ARTIFICIAIS, Harry Collins retoma, de maneira criativa, essa questão, explicando não apenas o que as máquinas não podem fazer, mas também por que são capazes de fazer as tarefas que lhes delegamos. Suas conclusões trazem consequências práticas importantes: máquinas inteligentes estão entre as ferramentas mais úteis e interessantes que já desenvolvemos; no entanto, se as utilizarmos com condescendência acrítica, acreditando que podem nos substituir em atividades sociais, não apenas perderemos de vista quem somos e nossa capacidade de agir como seres humanos, como também projetaremos ferramentas com desempenho aquém do esperado.

SÉRIE TRABALHO E SOCIEDADE

O trabalho corre o risco de se tornar um tema fora de moda sem ter sido decifrado. Desconsiderado pelas filosofias da linguagem que negam importância a outras formas de interatividade humana, ele foi soterrado pelas teorias que o consideram mero fenômeno cultural, cujo fim se aproxima, em uma sociedade em que já não há trabalho para todos.



As obras publicadas pela **FABREFACTUM** na **Série Trabalho e Sociedade** desafiam essas visões e reafirmam a centralidade do trabalho na vida social e no desenvolvimento dos indivíduos. Mais do que isso, sustentam, cada uma a seu modo, a indissociabilidade entre a racionalidade do trabalho e a interação social. O trabalho não é apenas fonte de riqueza material, mas também de riqueza subjetiva.

Ainda que o trabalho alienado seja a face determinante da produção material, ainda que a falta de sentido humano esteja presente tanto nos atos de trabalho como em seus produtos, é nele que se geram as forças que podem se contrapor a formas desumanas de sociabilidade. Por isso, a necessidade de se compreender a atividade humana que se desenvolve, ainda sem condições de se expressar, na esfera da produção material e de serviços, inclusive na atividade científica. No mundo moderno, a produção da ciência e da tecnologia, embora cientistas e engenheiros não se reconheçam como trabalhadores, tende a assumir as mesmas feições da produção industrial e carrega consigo as mesmas contradições da época clássica da industrialização.

Comumente tratado pelas ciências sociais por meio de conceitos como “emprego” ou “função”, o trabalho ressurge em sua natureza essencial de atividade humana, de prática que objetiva mundos, capaz de criar novidades e de recriar o próprio trabalhador enquanto sujeito social. Se, como acreditamos, a crise social do “fim da história” resulta da crise do trabalho, que já não mais consegue se pôr como base da construção social, então não existe alternativa possível enquanto o trabalho não se reafirmar como fonte essencial da vida em comum. Os títulos escolhidos pela **FABREFACTUM** para compor a **Série Trabalho e Sociedade** resgatam o lugar histórico do trabalho na produção de formas de sociabilidade não como uma função social, mas como atividade humana sobre a qual, e no interior da qual, se desenvolve a sociabilidade emancipada.



TRABALHO E PODER DE AGIR

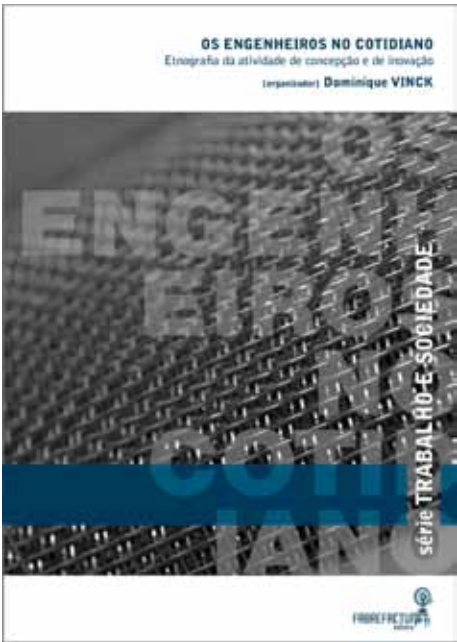
Yves Clot

Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira e
Marlene Machado Zica Vianna

ISBN: 978-85-63299-03-1
Número de páginas: 263
Formato: 23 x 16 cm
Encadernação: Brochura

Neste início de século, o trabalho submete mulheres e homens a dramas sociais cujas consequências pesarão sobre o destino das gerações futuras. Em **TRABALHO E PODER DE AGIR**, Yves Clot retorna o problema para a psicologia do trabalho: essa disciplina conseguirá apoiar o desenvolvimento da ação individual e coletiva necessárias para fazer face às pesadas exigências do trabalho na atualidade?

Para responder a essa questão, o autor faz o inventário dos recursos históricos, teóricos, metodológicos e técnicos à disposição da psicologia do trabalho para desenvolver o poder de agir dos sujeitos sobre os contextos profissionais. Aqui, o desenvolvimento da clínica da atividade leva a uma renovação da idéia de ofício (*métier*).



**OS ENGENHEIROS NO COTIDIANO - Etnografia
da atividade de concepção e de inovação**

Dominique Vinck (organizador)

Tradução: Marlene Machado Zica Vianna

LANÇAMENTO EM 2011

Em que consiste o trabalho do engenheiro? O que acontece em um escritório de projetos? Que pode trazer um olhar sociológico tanto sobre o trabalho técnico como sobre os objetos aí considerados?

Para responder a essas questões, os autores realizam preciosos estudos de caso que permitem compreender melhor a atividade dos engenheiros e os processos de concepção de novos produtos. Para o estudante de engenharia, tais estudos de caso representam uma oportunidade de descobrir, no ambiente industrial, a real complexidade das tarefas dos engenheiros e de conhecer os mecanismos sociotécnicos em operação.

OS ENGENHEIROS NO COTIDIANO interessa tanto a estudantes, professores, pesquisadores e profissionais da área da engenharia quanto aos estudantes e pesquisadores em ciências sociais (sociologia da ciência e da tecnologia, antropologia da sociedade industrial, sociologia do trabalho, ergonomia e psicologia do trabalho). O livro oferece uma série de descrições detalhadas das práticas observadas, às quais os leitores podem se referir em função dos objetos, das situações e dos temas; em cursos, pode ser utilizado para animar uma reflexão sobre os instrumentos dos engenheiros.

A FABREFACTUM PUBLICA OBRAS QUE REVELAM COMO FATORES SOCIAIS CONTRIBUEM PARA A PRODUÇÃO DE FATOS CIENTÍFICOS E ARTEFATOS TECNOLÓGICOS. MULTIDISCIPLINAR EM SUA PROPOSTA, A FABREFACTUM ACOLHE TRABALHOS DE UMA AMPLA GAMA DE DISCIPLINAS, TAIS COMO SOCIOLOGIA, FILOSOFIA, HISTÓRIA, ANTROPOLOGIA, CIÊNCIAS POLÍTICAS, ECONOMIA, PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO.

Estudos de controvérsias científicas e da construção social da tecnologia descrevem o trabalho cotidiano da ciência e tecnologia em laboratórios e empresas. Eles evidenciam, também, as habilidades e os saberes de cientistas, técnicos e usuários, que constroem e sustentam os fatos científicos e os artefatos. Os estudos sociais de ciência e tecnologia se contrapõem aos modelos canônicos de ciência e tecnologia, que desconsideram o saber empírico e as habilidades práticas dos atores sociais, as intuições baseadas na experiência, o conhecimento tácito e os juízos de valor implícitos em qualquer fazer humano.

“Verdades científicas” e “ótimos tecnológicos” são sempre criados dentro de um contexto social: o que funciona é sempre julgado em relação às necessidades de uma comunidade particular e pode parecer bem diferente quando julgado por outra perspectiva. O “fechamento” de uma controvérsia científica ou tecnológica só ocorre quando o grupo vitorioso é capaz de estabilizar os mundos sociais e naturais e impor um paradigma dominante. O estudo de como as controvérsias são “fechadas” ilustra de que modo conhecimentos e práticas, antes contingenciais, são reificadas como resultado inevitável do progresso científico e tecnológico. Pelo menos a esse respeito, não existem diferenças essenciais entre a produção de fatos científicos nas ciências sociais e nas ciências da natureza.

As obras publicadas pela **FABREFACTUM** examinam como o conhecimento é acordado, disputado, modificado e transmitido. A produção de novos conhecimentos é a produção de novos acordos sociais sobre o que se deve considerar como sendo “certo” ou “errado”. Isso implica reconhecer as dimensões cognitiva e subjetiva da prática científica e o saber tácito dos agentes sociais envolvidos, sejam eles cientistas, tecnólogos ou cidadãos que detenham saberes específicos. Pretende-se questionar os mitos da ciência e tecnologia, sem com isso negar a importância do conhecimento especializado.



As obras da **FABREFACTUM** também aprofundam a compreensão da recorrente questão da natureza do trabalho humano e sua substituição por máquinas, focando, em especial, os limites e as possibilidades do uso da inteligência artificial e de sistemas especialistas. Em termos práticos, contribuem para o projeto de tecnologias orientadas para a atividade, ao mostrar o papel das pessoas em fazer possível o uso rotineiro, a manutenção e a atualização de qualquer tecnologia. A socialização e a imersão em “formas de vida” se tornam centrais na transferência de tecnologia e gestão do conhecimento tácito.

A compreensão da natureza social do conhecimento científico e tecnológico tem implicações em outras esferas da vida. A desmitificação da ciência lhe retira a autoridade e o poder advindos de uma posição supostamente privilegiada de acesso à realidade absoluta. Abre-se, assim, um espaço onde indivíduos que detêm uma “expertise baseada na experiência”, mas não necessariamente titulações acadêmicas, possam contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas. A participação popular em questões científicas e tecnológicas passa a ter valor tanto epistêmico como político. Essas mudanças trazem um novo desafio: como definir critérios de inclusão, exclusão e de contribuição de cada grupo social – problema que se mostra ainda mais agudo quando se tem uma controvérsia que ainda não foi fechada.

Por fim, as obras publicadas pela **FABREFACTUM** pretendem contribuir para a educação em ciências, tornando-se acessíveis ao público. O modelo canônico de ciência se sustenta no mito da infalibilidade do método científico, ao ensinar que a “verdade científica” é o resultado de um método impessoal e objetivo que iniciantes têm de aprender a valorizar e aplicar. Ao mesmo tempo em que não se nega a importância desse modelo como uma aspiração, os estudos sociais da ciência mostram que ele não é uma descrição fidedigna de como ciência e tecnologia são produzidas. O ensino de ciências só pode melhorar se as idéias tradicionais forem complementadas por uma compreensão das maneiras pelas quais controvérsias científicas e tecnológicas emergem, são fechadas e reabertas.

Compreender a ciência e tecnologia como instituições sociais – e assim abrir a possibilidade de propostas alternativas – é um pré-requisito essencial para o desenvolvimento de um diálogo efetivo e crítico entre ciência, tecnologia e sociedade. A **FABREFACTUM** espera, com suas publicações, contribuir para esse movimento.

CONSELHO EDITORIAL

EDITORES

- Prof. Rodrigo Ribeiro**
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG
- Prof. Francisco de Paula Antunes Lima**
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

MEMBROS DO CONSELHO

- | | |
|--|---|
| Prof. Antonio Arellano Hernández
Universidad Autónoma del Estado de México | Dra. Maria Cristina Guimarães
Fundação Oswaldo Cruz – FIOCRUZ |
| Prof. David Hess
Rensselaer Polytechnic Institute | Profa. Maria Elizabeth Antunes Lima
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG |
| Prof. Dominique Vinck
Université Pierre Mendès France de Grenoble | Profa. Maria Lúcia Álvares Maciel
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ |
| Prof. Harry Collins
Cardiff University | Prof. Mário Sérgio Salerno
Universidade de São Paulo – USP |
| Prof. Henrique Luiz Cukierman
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ | Prof. Michel Jean Marie Thiollent
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ |
| Prof. Ivan da Costa Marques
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ | Prof. Michelangelo Trigueiro
Universidade de Brasília – UNB |
| Prof. João Porto de Albuquerque
Universidade de São Paulo – USP | Prof. Rob Evans
Cardiff University |
| Dr. José Marçal Jackson
Fundação Jorge Duprat Figueiredo de Segurança e Medicina do Trabalho - Fundacentro | Prof. Thales Haddad Novaes de Andrade
Universidade Federal de São Carlos - UFSCar |
| Profa. Léa Maria Leme Strini Velho
Universidade Estadual de Campinas – Unicamp | Prof. Wiebe Bijker
Maastricht University |
| Profa. Máira Baumgarten
Universidade Federal do Rio Grande - FURG | Prof. Yves Schwartz
Université de Provence |

FABREFACTUM

Rua Miranda Ribeiro, 165 - Vila Paris
Belo Horizonte | MG | CEP 30380-660
TEL [55 31] 2515 2277

www.fabrefactum.com.br